

**Universidades Lusíada**

Pinheiro, Fabião, Henrique Jorge Sara Patrícia

**A contemporaneidade emergente : reflexão sobre o espaço-cultura na arquitectura hoje**

<http://hdl.handle.net/11067/403>

**Metadados**

<b>Data de Publicação</b>	2010
<b>Resumo</b>	A Cultura é, e será sempre, o nosso testemunho existencial que resiste a todas as catástrofes, a todas as guerras, para o bem e para o mal. ã? também a base ideológica que nos orientamos durante toda a nossa existência. O homem é herdeiro da cultura e, por sua vez, produz arte que é por si só plena de significado na sua cultura e, distinta de todos os outras. Mas nestes dias (hoje) a incisão de um signo numa estrutura cultural pode abalar a sua identidade. A globalização transformou a forma como...
<b>Palavras Chave</b>	Arquitectura, Cultura
<b>Tipo</b>	article
<b>Revisão de Pares</b>	Não
<b>Coleções</b>	[ULL-FAA] RAL, n. 1 (2.º semestre 2010)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T14:25:43Z com informação proveniente do Repositório

## A CONTEMPORANEIDADE EMERGENTE: REFLEXÃO SOBRE O ESPAÇO-CULTURA NA ARQUITECTURA HOJE

Sara Patrícia Pinheiro  
Henrique Jorge Fabião

### RESUMO

A Cultura é, e será sempre, o nosso testemunho existencial que resiste a todas as catástrofes, a todas as guerras, para o bem e para o mal. É também a base ideológica que nos orientamos durante toda a nossa existência. O homem é herdeiro da cultura e, por sua vez, produz arte que é por si só plena de significado na sua cultura e, distinta de todas as outras. Mas nestes dias (hoje) a incisão de um signo numa estrutura cultural pode abalar a sua identidade. A globalização transformou a forma como vemos o mundo, por conseguinte, a nossa sociedade, provocando na nossa cultura fissuras ideológicas, dando a oportunidade aos meios de comunicação, de influenciar a nós mesmos, quais devem de ser as modas de hoje. A intenção desta reflexão é compreender se essas culturas são capazes de assimilar os 'novos' signos (arquitecturas), chamadas 'arquitecturas de autor' sem qualquer referência à cultura e à identidade do lugar, mas como a sua nova 'porta-bandeira'. E, devido a tal ocorrência, propomos uma viagem, para expor todos os momentos que o signo deve passar para que seja assimilado pela cultura que o acolhe. Se por um lado estamos perante um vírus, ou por outro lado perante nova vacina? De uma forma ou de outra, o sinal vai interferir na identidade cultural, complexificando ou destruindo essa mesma cultura.

### PALAVRAS-CHAVE

Arquitectura; Cultura; Identidade; Lugar; Programa; Signo; Significado.

### ABSTRACT

Culture is, and will be our existential witness that resists to all disasters, all wars, for good and for evil. It's also the ideological basis that guides us, during our existence. Man is heir to the culture and in turn produces art that is itself full of meaning in their culture, distinguishable from all others. But in these days (today) the incision of a sign in a cultural structure that can shake their identity. Globalization has transformed the way how we see the world, consequently, our society, trigger in our culture, ideological cracks, giving an opportunity to media, to influence ourselves; what are the fashions of today. The intention of this reflection is to understand whether these cultures are able to assimilate the 'new' signs (architectures), called 'author architectures' without any reference to the culture and to the place's identity, but as a new place 'standard-bearer'. That's why we propose a trip, to expose all moments that the sign must pass to be assimilating by the culture that holds. We are dealing with a virus? Or with a new vaccine? In the one or the other way, the sign is going to interfere in cultural identity, complicating or destructing this culture.

## KEY-WORDS

Architecture; Culture; Identity; Place; Program; Sign; Significance.

*(...) O Homem só se descobre ligado a uma historicidade já estabelecida, nunca é contemporâneo a essa origem que através do tempo e das coisas se delineia furtando-se-lhes; quando tenta definir-se como ser vivo; só descobre o seu próprio início e sobre o pano de fundo de uma vida que, por seu turno; teve início muito antes dele.<sup>1</sup>*

Entre muitas outras coisas pensadas, a decisão de escrever sobre cultura, ancora-se no facto desta, ser uma realidade, entendida como verdadeira herança, entidade esta que iremos, também, deixar para as gerações futuras. O resultado das nossas escolhas hoje, revelar-se-ão nas heranças deixadas para o amanhã, no seu sentido mais imediato, mais primordial possível. A cultura<sup>2</sup> é, e será sempre, o nosso testemunho existencial<sup>3</sup> que resiste a todos os desastres, a todas as guerras, para o bem e para o mal. A cultura é também, a base ideológica<sup>4</sup> com que nos orientamos durante toda a (nossa?) existência; o nosso legado, a continuidade da nossa espécie.

<sup>1</sup> Michel Foucault, *As Palavras e as Coisas*, p.368.

<sup>2</sup> Por definição, cultura é o conjunto de conhecimentos e práticas aprendidos e ensinados, por contraste com o que é inato (*Dicionário escolar de filosofia in, defnarede.com/c.htm*). Referindo-nos à cultura, estamos a validar todos os processos sócio-cognitivos como representação da herança social formalizada em sistemas-símbolo mais ou menos articulados, transmitidos de geração em geração, expansíveis em formas de comunicar verbais a todas as outras inteligíveis, conformando-se de comunicação e identificação (*cf.*, Isabel Ferin, *Comunicação e Culturas do Quotidiano*, pp.97-98). Assim, a cultura, englobará um conjunto abrangente de práticas, nas suas mais plurais expressões, que um colectivo espelha num sentido de identidade (*cf.*, por todos, Romeu de Melo, *Ensaio sobre a cultura*). Curiosamente, e numa análise insidente sobre o individual, sublinhemos a perspectiva de Claude Lévi-Strauss, quando referencia o resíduo substantivo determinante sobre as acções tomáveis por cada um, após o esquecimento de tudo o que se apreendeu (*ver*, Claude Lévi-Strauss, *Tristes Trópicos*).

<sup>3</sup> Testemunho existencial, como *modus operandi* desse mesmo homem que se projecta, continuamente, numa realidade e meta-realidade; projecta o seu ser como 'sobrevivência impregnada', impossível do dissociar-se de si [Desta forma, teremos aqui, a articulação de duas perspectivas tão reais como curiosas; primeiro, a contextualização duma visão colectiva dum povo culturalmente identificável, e a segunda, a contextualização da realidade individual de cada um, óptica muito mais interessante; digamos, que na sua individualidade, todo o ser humano integra em si um 'fíto' - mais ou menos consciente - de se meta-projectar. Resultado da expressável presença desse fíto, mais ou menos mostrável no 'seu' quotidiano, do ser humano concreto, impregnado nas suas 'expressões dramáticas' mais profundas, da articulação, digamos, duma visão Sarteriana (*cf.*, p. ex., Jean-Paul Sartre, *Verdad y existencia*, pp.53-63, eivada dum 'sopro' propositivo de Gabriel Marcel (*cf.*, p. ex., Gabriel Marcel, *Le mystère de l'être*), (...) não esqueçamos a dimensão sobrenatural presente em cada um de nós (...), teremos, então, uma perspetivação mais abrangente da estrita leitura racional, limitadora da existência a *uma propriedade de objectos* (...como se o ser Humano, pudesse ser reduzido a um objecto mesclável com outros objectos), *mas antes uma propriedade de propriedades*, isto é, *uma propriedade de outra ordem, ontológica, superior, sempre circunstancializada e circunstancializadora das características de cada um na sua individualidade*]. Tal testemunho existencial, alcançará, então, uma dimensão muito mais globalizadora.

<sup>4</sup> Uma base que se manifesta de forma distinta em todos os momentos. Dizemos distinta pelo facto de sublinharmos a sua maior ou menor intuição/exteriorização na durabilidade do tempo (*cf.*, p.ex. K. Pomian, "Tempo/temporalidade", *in*, *Enciclopédia Einaudi*, pp.23-82). Base ideológica, como noética, simultaneamente colectiva e individual, onde, também o indizível contribui de forma indissociável ao todo, ou, dito de outro modo, uma estrutura de sustentação da(s) realidade(s), modelo(s) como causa(s) do mundo sensível, por onde este se mostra [*esquema conceptual com uma aplicação prática* (Simon Blackburn, *Dicionário de Filosofia*, p.219) também *de perspectivas particulares acerca da natureza humana, do que conta como progresso humano e das condições sob as quais se pode encontrá-lo* (*idem*). Neste contexto, integrar-se-iam, então, os sistemas de crenças, formas e tipos de pensamento, todos].

Contudo, a vontade de abordar a temática da arquitectura é superior à vontade projectada sobre todas as outras coisas<sup>5</sup> (símbolos)<sup>6</sup> que configuram uma cultura determinada no espaço e no tempo, em cada espaço e cada tempo.<sup>7</sup>

Tal como a cultura, como única herança válida em múltiplos campos, também nós, de uma forma mais elementar, queremos deixar o nosso testemunho de um modo marcadamente temporal; uma ideia sobre, como vai o mundo, e, como nos vemos no mundo neste (s) tempo (s).

O homem contemporâneo é herdeiro da cultura e por sua vez, a 'arte'<sup>8</sup> que produz é também ela plena de significado na sua cultura e, certamente, diferenciável de todas as outras, logo indissociável da cultura<sup>9</sup> que a comporta.<sup>10</sup>

<sup>5</sup> Entendemos por 'coisa', num sentido distinto (ou mais abrangente?) ao contextualizado por Kant, ou seja, partindo de um mesmo enquadramento epistemológico (o mais amplo imaginável), torná-lo mais abrangente na possibilidade do seu conhecimento, ao integrar nele para além do conhecido, o não conhecido, potencialmente cognoscível, ou seja, *o que existe ou pode existir* (Dicionário de Língua Portuguesa, p.379) ainda não existindo, indo, então, mais além do numérico, posicionando-se *para além das formas do espaço, do tempo e da causalidade, que são impostas pela mente* (numa visão, até, potencialmente restritiva...) *sendo incognoscíveis* (Simon Blackburn, *op.cit.*, p.304) na perspectiva Kantiana; potencialmente cognoscíveis, na nossa perspectiva.

<sup>6</sup> Símbolo, aqui lido como descrição plausível sobre uma realidade expressa não isoladamente mas através de conexões analíticas interactuantes (símbolo incompleto), também referido por Hegel (G.W. Hegel, *Estética*, pp.174-182 máx.) descrevendo-o como uma entidade dependente da sua origem, como um mero invólucro sem vida, à espera de ser preenchido, chegando a reproduzir, por mimese, um estilo artístico ou um aspecto formal. Contudo, não é exactamente este 'símbolo' que pretendemos abordar, nem tão pouco cingir-nos a um símbolo independente, que se apresenta como a sublimação de uma norma ou estilo, sem sequer necessitar de uma constatação formal da ideia que pretende representar (*cf.*, *ibidem*, pp.174-175), *a ideia que, antes de ser forma, não encontra nas manifestações concretas uma forma precisa e determinada que corresponda ao que ela tem de abstracto e de geral* (*idem*, p.174), mas sim de uma significação na sua forma e essência, sem que esta seja estanque na sua relação e designação (*cf.*, *ibidem*, pp.176-177), pretendendo alcançar uma representatividade, o mais abrangente possível, por forma a conferir-lhe uma máxima significação, logo, identidade. Tal como Hegel também sustenta ao referir, *que no que concerne à arte, esta não pode servir-se de simples sinais, mas deve dar às significações uma presença sensível correspondente (...) deve por um lado ter um conteúdo interno e por outro representá-lo de maneira a mostrar que tanto este conteúdo como a sua forma não são somente uma parte mais o menos inteligente da realidade exterior, mas um produto resultante da representação humana* (*ibidem*, p.356). Numa particular leitura do campo disciplinar da arquitectura, enfatize-se, então, o papel duma significação sublinhada pela informação 'oferecida' pelo edifício e a plural tradução que ao longo do tempo este nos propicia, ou seja, da articulação sintáctica do símbolo [(podemos *pues*, *estudiar la relación de los "signos arquitectónicos", unos com los otros, para obtener un análisis sistático*) Gillo Dorfles, *La Arquitectura Moderna*, p.164], da pragmática [(*la relación de los signos com el usuário de los mismos, con el habitante o aquel que disfruta del uso de un edificio*) *idem*] e da semântica (*o tipo de información que el edificio podrá dar y que podrá cambiar a través del tiempo, del lugar y del interprete*), *idem*].

<sup>7</sup> Ao referirmos coisas (símbolos) configuradores de uma determinada cultura, estamos, então (nesta particular perspectiva), a ancorar o termo símbolo ao signo. Este, como identidade independente, identificador de algo simbólico e representativo de uma dada dimensão, com a função primordial de dar significado a uma intenção. Assim a conotação de 'coisa', para além da sua óptica mais abrangente, o de existir, configura agora uma perspectiva mais palpável ao se cristalizar em algo identificador de uma realidade concreta ou abstracta, balizada no espaço e no tempo. No plano da arquitectura podemos deduzir que a significação de algo, pressupõem a transformação de símbolos em ícones e, tal sucede quando a obra de arte é parte integrante da identidade de um povo ou de um lugar, funcionando como um marco, como a sublimação dessas mesmas ideias (recorrendo à memória), representando esse mesmo Homem, e toda a sua identidade a que ele está intrínseco, *uma representação da representação Humana* (G.W. Hegel, *op.cit.*, p.356).

<sup>8</sup> Que, neste particular, por exemplo, poderá ser interpretada como um acção provocatória à realidade social, uma inadaptação ao espaço-tempo presente (segundo Freud, *apud*, Arnold Hauser), uma interpretação da realidade pela sublimação do pensamento em algo concreto, mas, acima de tudo, uma interpretação da natureza em algo particular, *cf.*, Arnold Hauser, *A arte e a Sociedade*, pp.15-18, ou talvez, como Heidegger simplesmente refere, *a arte é, pois, um devir e um acontecer da verdade (...) a verdade, como a clareira e ocultação do ente, acontece na medida em que se poetiza a harmonia entre o conhecimento do objecto e o mesmo*, (Martin Heidegger, *A Origem Da Obra De Arte*, pp.57-58).

<sup>9</sup> A respeito da metamorfose cultural como termo, Marc Augé refere que *as culturas sofrem alterações, como a madeira verde, e não constituem nunca totalidades acabadas*. (Marc Augé, *Não Lugares: introdução a uma antropologia da sobre modernidade*, p.30).

<sup>10</sup> *Cf.*, Arnold Hauser, *op.cit.*, p.32, sublinhando que (...) *existe na natureza como na arte o produto de dois factores diversos:*



Mas o que é o espaço-cultura<sup>11</sup> como manifestação comportamental da ‘sua’ (do homem) contemporaneidade? Será válido responder que se trata do entrosamento das novas tecnologias da programática frente ao senso comum que engloba a ‘arquitectura’ autóctone (a cultura de cada lugar)?

Sendo toda a história, um repositório de acontecimentos, e a cultura a única e real herdeira de todos esses marcos<sup>12</sup>, que por sua vez tornam singular cada cultura de cada lugar, deparemos, hoje em dia, com uma história cada vez mais globalizada, onde os factos ocorrentes em todo mundo podem convergir num só espaço dotando-o de significado, onde na realidade, pouco ou nada têm a ver com o ‘morador’ desse mesmo espaço.<sup>13</sup>

A ideia de reconhecimento dos sistemas-símbolo, num local geográfica e temporalmente balizado (espaço-tempo),<sup>14</sup> será o tema base para a compreensão/validação/assimilação, ou não, dos novos signos de teor cultural impostos a uma cultura pré-existente.<sup>15</sup>

---

*uma predisposição interior e uma série de estímulos exteriores (...) nem o talento individual, as qualidades herdadas e as tendências pessoais do artista, nem o carácter impessoal, as disposições e transmissões do meio social circundante explicam na sua totalidade (idem).*

<sup>11</sup> O termo é livremente apropriado de Pedro Vieira de Almeida do seu *Ensaio Sobre o Espaço da Arquitectura*, (Revista Binário, nº50, Lisboa 1963), onde refere que o espaço-cultura faz como que a charneira (...) entre o espaço científico: resultante de um conjunto de teorias que em determinados momentos respondem e explicam os fenómenos até essa altura conhecidos e, o espaço-senso comum como matéria-prima do acto arquitectónico, ou seja, uma finitude plasmada no espaço arquitectónico, atribuindo-lhe assim qualidades diferenciáveis das demais.

<sup>12</sup> O resultado do e de quem somos hoje, tem por base o ontem, e, certamente, o amanhã, terá, obrigatoriamente, por base o hoje, como comenta Michel Foucault nas suas *As Palavras e as Coisas* (pp.322-368), ou, como bem esclarece Ortega y Gasset, ao referir que o saber histórico é uma técnica de primeira ordem para conservar e continuar uma civilização antiga. Não porque dê soluções positivas ao novo cariz dos conflitos vitais – a vida é sempre diferente do que foi –, mas porque evita cometer os mesmos erros ingénuos de outros tempos (José Ortega y Gasset, *A Rebelião das Massas*, p.98). Tal perspectiva, é, magistralmente, interpretada por Francisco Xavier Pina Prata, na sua Tese de Doutoramento (*Dialéctica da Razão Vital – Intuição originária de José Ortega y Gasset*, pp.127-135), ao contextualizar esta perspectiva no âmbito da Circunstância inerente ao Homem, ou ainda, como dirá Fernando Távora, por exemplo, numa perspectiva estritamente formal da composição do espaço, (*Da Organização do Espaço*, p.58), contextualiza, que há que defender teimosamente, a todo o custo, os valores do passado mas há que defendê-los com uma atitude construtiva, quer reconhecendo a necessidade que deles temos e aceitando a sua actualização, quer fazendo-os acompanhar de obras contemporâneas.

<sup>13</sup> Esta Globalização é portadora de comunicação sem fronteiras promotora de uma cultura globalizada agência também de forma cada vez mais visível, a fragmentação cultural, social a par e passo com a exacerbação individualista centrada no lucro, no prazer e na apatia para com o outro (...) (Isabel Ferim, *Comunicação e Culturas do Quotidiano*, p.149).

<sup>14</sup> Tomando em consideração estas duas variáveis, numa perspectiva Kantiana, são ambas interpretadas como as relações dos fenómenos abstraídos da experiência (...); outrora concebidas como realidades distintas e absolutas onde o espaço e o tempo, actuam como as duas faces da mesma realidade, não como a perspectiva Newtoniana a rotula, mas sim como um único pano de fundo para todas as manifestações existenciais (cf., Immanuel Kant, *Crítica da razão Pura*, p.77). Todavia numa leitura, tendencialmente, metafísica do espaço e do tempo, por exemplo, o espaço será visto por Leibniz, segundo a perspectiva que a ideia de espaço e de tempo será traduzida pelos pontos dos espaços e dos instantes do tempo (...) reais, distintos, mas entidades indiscerníveis (Leibniz, *Correspondência com Clarke*, apud, Jaadiel Rocha dos Santos, *Espaço e Tempo – Metafísica e Teologia Natural na “Correspondência com Clarke”*, p.90), digamos, dois espaços distintos mas não coexistentes fisicamente; ao mesmo tempo que uma coisa existe formal e estruturalmente, também existe conceptualmente, já que a existência (algo) se pode manifestar plena de forma e ideia Uma ‘coisa’ pode então coexistir no mesmo momento em dois espaços diferentes, pode existir simultaneamente no mesmo espaço de tempo. Bom, tal visão, colidirá com os princípios da física conhecida, mas, *mutatis mutandis*, quem sabe, se no futuro a validação desta ‘tese’, passa a verdade adquirida, logo veremos...

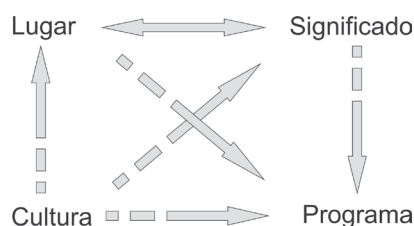
<sup>15</sup> Como optimização dos sistemas-símbolo, partilhamos as mesmas intenções e ideias de como os símbolos se devem apresentar no espaço-cultura (cf. Pedro Vieira de Almeida, *op.cit.*) O urbanismo deve lançar-se no futuro e para soluções radicalmente novas construções que são sistemas sociais, económicos e até políticos e que pertencerão a uma nova harmonia da sociedade (Le Corbusier, apud, Renato de Fusco, *A ideia de Arquitectura*, p.213). Será esta, uma visão puramente modernista, encaradora do progresso como um estádio de evolução superior ao antecedente. Mas, também podemos perspectivar pela óptica identitária, como resposta ao estado actual da cultura que se encontra num processo de desfragmentação... (Miguel Rubio, “O Contexto da Modernidade e da Pós-Modernidade”, in, *Ética Teológica*, p. 98)

Essa aceitação vai, obviamente, estar dependente das variáveis: lugar e programa em confronto com a cultura e o significado.<sup>16</sup>

A validação ou não destes novos signos, estará dependente do 'dar um significado válido' à cultura para a sua assimilação, que, por sua vez, irá metamorfosear-se por aglutinação.<sup>17</sup> Caso contrário, se existir uma rejeição do signo por parte desta mesma cultura, não lhe conferindo alguma identificação comparável, poderá, eventualmente, esta, sofrer uma regressão<sup>18</sup> ao isolar-se deste novo signo implantado no espaço-cultura.<sup>19</sup>

Por outro lado, o bissubstancialismo (forma *versus* imagem do objecto)<sup>20</sup> estará presente e seguirá a intenção de que nenhum elemento poderá ser válido na arquitectura se não possuir

<sup>16</sup> Embora esta relação lugar/significado se possa traduzir numa reacção reversível, a reacção significado/programa já não se validará nessa mesma lógica, uma vez que sendo a cultura geradora do significado e não o programa - como gerador do lugar onde se valida -, não se legitimará uma dimensão biunívoca deste contexto (cf., p.ex., Henrique Fabião, *Lugar, Utopia y Arquitectura*, pp.64-92 max., A Ferreira, *Real e Realidade*, p.87, E. Garroni, *Projecto de Semiótica*, p. 95 e R. Barthes, *A Aventura Semiológica*, p.173). Como esquema síntese do contextualizado, teremos:



<sup>17</sup> (...) Tendo em conta que a metamorfose é o processo de passagem de uma forma a outra, numa concepção que nivele o regular e o irregular, transportando-o para um novo nível de entendimento de forma e de estrutura, para uma perfeição determinada e circunstancial, compreendendo os elos que ligam as distintas etapas subsequentes na sua construção, para melhor definir, o fio condutor da sua evolução (Sara Pinheiro, *Power Point* de apresentação da Dissertação de Mestrado em Arquitectura, *Metamorfose do Espaço Público*). Assim, o processo de aglutinação vai despoletar na metamorfose cultural novas estruturas, provenientes destas junções (aderências) no seu processo de composição. Veja-se, p.ex., a definição de metamorfose de Maria Filomena Molder para a obra de Goethe: *Metamorfose das Plantas*, pp.19-25

<sup>18</sup> A respeito desta mesma matéria, Fernando Távora apelida estes processos de 'implantação' de novos signos não identificáveis com o espaço de inserção, como 'delapidação'; a depilação é assim um processo de criação de formas desprovidas de eficiência (Fernando Távora, *op. cit.*, p.27), de verdade, e de significação, agindo como desfragmentadores, causando 'ruído' ao espaço preexistente. Sobre esta temática, podemos ainda referir que estas diferenciações podem ainda ser provocadas por transformações endógenas: pela sua *capacidade intrínseca de mudança* (Miguel Rubio, *op.cit.*, p.100), provocada por uma quebra, uma descontinuidade na forma de pensar e agir, propondo novas e radicais ideias como correntes de pensamento inovador (próprio de sociedades complexificadas), e, de transformações exógenas, pela resposta aos incentivos que vêm de fora destas culturas, e estas sim, podem sofrer uma integração destes incentivos externos de uma forma positiva, com assimilação e feliz convivência com as preexistências, como poderão também rejeitar estas 'ideias externas' partindo para um conflito, um embate ideológico e social entre a preexistência e a ideia importada (cf., *idem*, pp.100-101).

<sup>19</sup> Esta relação cíclica aqui mencionada como metamorfose cultural, será comparável com a não menos conflituosa dualidade que Friederich Nietzsche nos expõe na *Origem da Tragédia*; está de facto, intrinsecamente relacionada com a dualidade Bem/Mal que Claude Lévi Strauss também sustenta no seu livro *Mito e Significado*. O Homem desde sempre se debateu com estes dois caracteres antagónicos, tentando, todavia, conciliá-los. E é desta justaposição que nasce ou se desenvolve a participação no acto criativo, no conhecimento e na vontade inesgotável de complexificação organizacional da estrutura mental. Esta dualidade pode ser conotada como um sim/não, remontando, então, para o código binário 1/2 que vem explicar toda a lógica sequencial presente no mundo (...conhecido) e nas coisas, sob todos os campos. Talvez este retrocesso e avanço, na forma de pensar o estado das coisas, ora mais retrógrado e conservador, ora mais futurista e positivo, faz com que alcancemos uma percepção e ao mesmo tempo uma reciclagem de velhas ideias formais, 'vestindo-as' com novas ideologias, 'novas modas', mais de acordo com o tempo em questão.

<sup>20</sup> Uma adaptação feita do conceito de bissubstancialismo 'matéria-espírito', do plano ontológico para o plano arquitectónico, para aqui descrever esta dualidade da estrutura/forma como um todo (cf., George Berkeley, *Tratado Do Conhecimento Humano*, p.13), Também Bachelard, faz uma analogia interessante a este mesmo conceito, ao referir que a casa (...) é corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano (Gaston Bachelard, *A Poética do Espaço*, p.26).

uma estrutura (massa) e uma forma (imagem) e, por sua vez, não será legitimado se não sofrer influência do espaço onde opera a sua função tendo em conta a micro e a macro escala englobadas numa possível *gestalt*<sup>21</sup>. Não confundindo com a forma-função, muitas vezes proclamada pelos arquitectos ‘brancos’<sup>22</sup>, a imagem é e será sempre a primeira abordagem ao convite: mas nem sempre terá a mesma significação pois, a operação tipológico-temporal<sup>23</sup> opera num espaço cada vez mais globalizado, pretendendo, sobretudo, responder à necessidade emergente do homem.

A nosso ver, para que exista uma total assimilação do signo numa cultura, propomos como conclusão desta reflexão, um viagem realizada em três momentos, dos quais passamos agora a comentar:

Num primeiro momento, estamos perante a aceitação. A relação imediata entre a inserção do signo no lugar podendo esta ter sido feita de modo abrupto ou consentido. Contudo, para que o signo seja aceite nesse mesmo lugar terá de haver compressão do mesmo, mesmo que de modo incompleto.

Partimos então para o segundo momento, a validação. Para que esta reacção se dê, a legitimação, terá que ser de forma completa na cultura onde está fixado, ou seja, a total assimilação do signo pelo lugar, conseqüentemente, dotar o lugar com significância, repercutindo-se na sua cultura, ou seja, a assimilação como reacção irreversível<sup>24</sup> do signo à cultura. Esta validação não é meramente formal, como a maior parte dos casos prevalecentes no primeiro estágio, mas sim, bissubstancial. Para que o signo se valide, será necessário que preencha de modo eficiente os requisitos programáticos e imagéticos a que se propõe,<sup>25</sup> para que este, então, ingresse num terceiro momento a que apelidamos de assimilação<sup>26</sup>. Este só se dará se os outros dois estádios ou momentos se concretizem de forma plena, sem esquecer que, numa primeira fase (momento), referimos que este signo pode ser inserido de modo abrupto ou consentido, mas o que de facto falta referir é se este mesmo signo provém de uma reacção exógena, como resposta a um hiato ideológico-cultural ou, se por ventura, se trata de

<sup>21</sup> Acção-reacção automatizada cognitiva. Logo, estamos perante uma *assimilação/acomodação* (cf., Christian Norberg-Shulz, *Existencia, Espacio y Arquitectura* p.11). Admitamos, todavia, que o termo *gestalt*, poderá ser traduzido pelo processo no qual, a obra desoculta-se enquanto relação próxima como objecto estanque passando a relacionar-se com o todo, o universo comunicável e comunicante (cf., Martin Heidegger, *op.cit.*, p.53).

<sup>22</sup> Do confronto ideológico entre os arquitectos ditos ‘brancos’ ou modernistas e os arquitectos ‘pardos’ ou pós modernistas, nasce a querela entre forma-função e a referência ao lugar e estilo, ou dito de outra forma, poderíamos dizer que este confronto se debate entre, aqueles que consideram que na arquitectura a forma é o resultado da programática e os que consideram que a imagem deve de ser considerada como ‘actor principal’ e o programa como secundário (cf., Demetri Porphyrios, “A pertinência da arquitectura clássica”, in, *Uma Nova Agenda Para A Arquitectura* p.110).

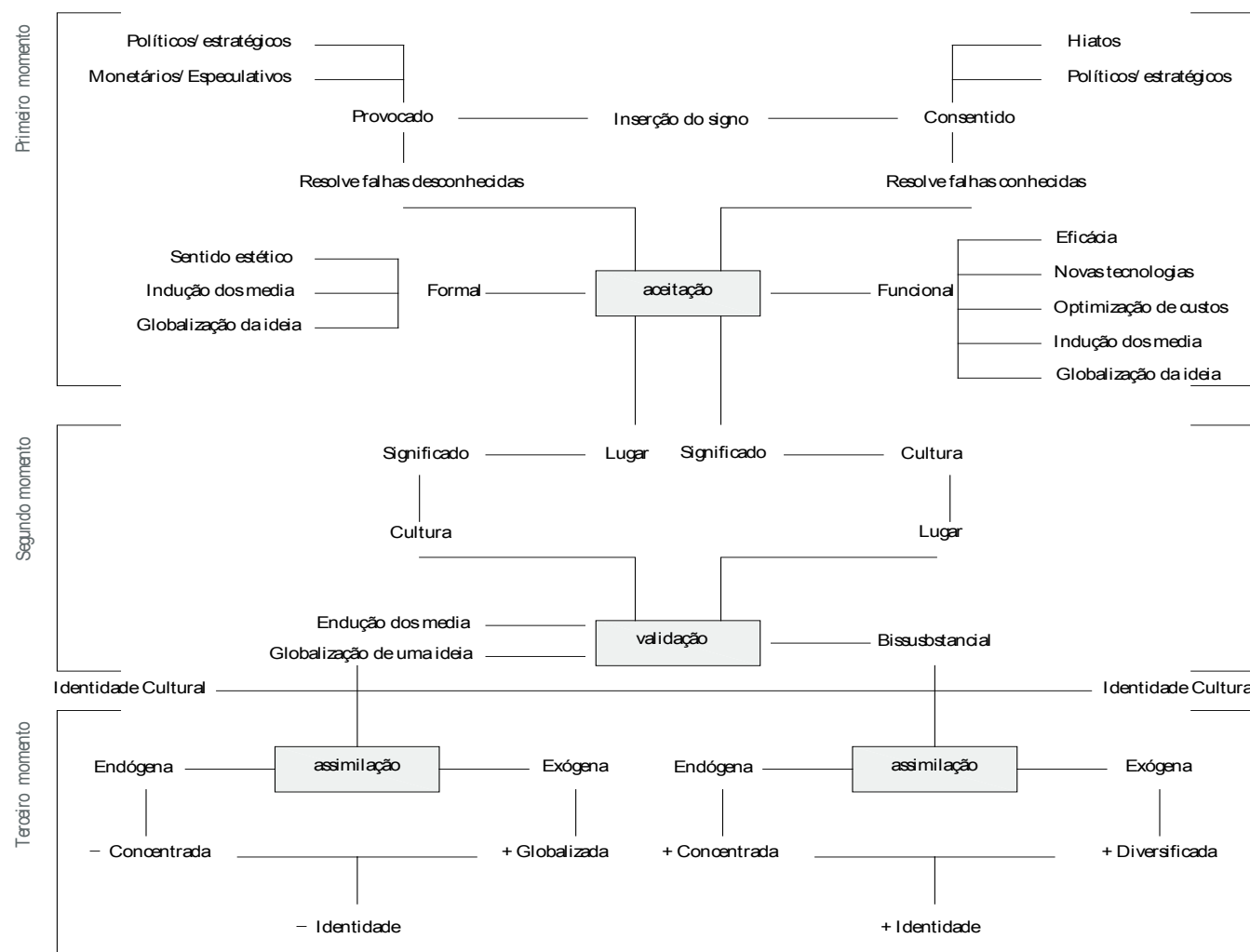
<sup>23</sup> Entenda-se ‘tipo’ como um raciocínio lógico, disposicional, organizador e identificador, para que possa em conjunto com o tempo (como intuição), ser aplicado como pano de fundo, adaptando-se à identidade e ao carácter que o modelo ambiciona ser. Ou por outras palavras, e numa perspectiva puramente arquitectónica, tipo é *uma construção racional que contém certos elementos da realidade, cujas leis reguladoras explica teoricamente e certos elementos convencionais, adquiridos numa cultura histórica concreta, que, como estrutura poderá ser sujeita a transformações, permitindo analisar e classificar objectos reais, em qualquer nível de conhecimento, ou modificar aquela realidade, uma vez conhecida, na medida em que se converte em instrumentos de projecto* (Manuel Martin Hernandez, *La Tipologia en Arquitectura*, p.360)

<sup>24</sup> Numa perspectiva do âmbito da ‘química’ a reacção irreversível entende-se *por um fenómeno em que a evolução num dado sentido é incompatível com a evolução inversa* (Dicionário de Língua Portuguesa, p. 955), ou seja, a reacção uma vez assimilada de modo completo, não poderá jamais voltar à sua forma inicial, pela distinção dos dois elementos primários, mas, apenas realizada num só sentido. Mas de facto, o que se quer dar a entender é que a reacção –se dá no sentido de que é a significação do lugar que se repercute na cultura e não a cultura que transforma o significado preexistente. A reacção valida-se, então, do singular para o global.

<sup>25</sup> Para a validação do signo imposto não basta ter uma ‘boa figura’, mas também e sobretudo, conter substância, algo que acrescente e ao mesmo tempo colmate as falhas da cultura e do lugar a que este mesmo adoça.

<sup>26</sup> Entenda-se por assimilação do signo, o acto de aglutinar, da diluição do mesmo (signo) como ‘corpo exterior’ a uma cultura, para que este, fundindo-se, se torne parte integrante (componente) do fluxo da cultura que agora o comporta.

uma importação de novos conceitos concebidos por outras culturas, como resposta a problemas diferenciáveis. E aqui, tal como no primeiro momento, estamos perante duas aceitações distintas, que resultarão, ambas em uma evolução cultural.



De forma exógena, estaremos a aceitar valores, embora diferentes ou externos à cultura pré-existente, serão bem aceites pela sua forma eficaz e inteligente de captar o interesse e a aceitação, vindo obviamente colmatar uma lacuna, iniciando um novo género de como fazer mais cultura, mais complexa e mais abrangente.<sup>27</sup>

De forma endógena, estaremos a dar resposta aos novos estímulos provenientes da nossa cultura por optimização, propondo novas respostas para os problemas do 'seu' hoje.<sup>28</sup>

A cultura, como herdeira das nossas reflexões, também ela está impregnada de instinto de sobrevivência. Cabe-lhe a ela, (a nós) tomar a sábia decisão do que deveremos assimilar para a sua complexificação<sup>29</sup> e, predisposta evolução, sem que se dê um desvirtuamento determinado pela

<sup>27</sup> Contudo, poderá eventualmente tornar-se desvirtuada no seu carácter, se houver uma continuada absorção de estímulos exteriores (...).

<sup>28</sup> Se esta aceitação for realizada de um modo desequilibrado, poderemos estar perante uma cultura estanque no tocante à sua ideologia, mas também poderemos estar perante um isolamento da mesma perante o mundo. A sua validação, o seu *status* é que irá determinar se esta é válida e reproduzível, possivelmente importada para outras culturas, ou não (...).

<sup>29</sup> Note-se que uma sociedade complexificada é uma sociedade que pretende ser mais abrangente, chegando a todos



emergente<sup>30</sup> globalização.

(...) Assim, teremos:

## BIBLIOGRAFIA CITADA E COMENTADA

- AA.VV.: *O Imaginário Da Cidade*, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1989.
- ALMEIDA, Pedro Vieira de: "Ensaio sobre o espaço de Arquitectura", in, *Revista Binário*, n.º 50, Lisboa 1963.
- AUGÉ, Marc: *Não-lugares - Introdução a Uma Antropologia da Sobremodernidade*, Ed. Bertrand, s.d.
- BACHELARD, Gaston: *A poética do Espaço*, Ed. Editorial Martins Fontes, São Paulo 2003.
- BARTHES, Roland: *A Aventura Semiológica*, Ed. Edições 70, Lisboa 1987.
- BERKELEY, George: *Tratado Do Conhecimento Humano*, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 2000.
- BLACKBURN, Simon: *Dicionário de Filosofia*, Ed. Gradiva, Lisboa 1997.
- Dicionário de Filosofia*, Coord. Simon Blackburn, Ed. Gradiva, Lisboa 1997.
- Dicionário Escolar de Filosofia*, in, <http://defnarede.com> (consultado a Junho de 2010).
- Dicionário de Língua Portuguesa*, Ed. Porto Editora, Porto 2001.
- DORFLES, Gillo *La Arquitectura Moderna*, Ed. Editorial Ariel, Barcelona 1980.
- FABIÃO, Henrique Jorge: *Lugar, Utopia y Arquitectura*, Tese de Doutoramento, Ed. Autor, Valladolid 2001.
- FERIN, Isabel: *Comunicação e Culturas Do Quotidiano*, Ed. Quimera, Lisboa 2002.
- FERREIRA, A: *Real e Realidade*, Ed. Inova Lda., Porto s.d..
- FOUCAULT, Michael: *As Palavras E As Coisas*, Ed. Edições 70, Lisboa 1991.
- FUSCO, Renato: *A Ideia de Arquitectura*, Ed. Edições 70, Lisboa 1984.
- GARRONI, Emílio: *Projecto de semiótica*, Ed. Edições 70, Lisboa 1980.
- GOETHE: *Metamorfose Das Plantas*, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 1993.
- HAUSER, Arnold: *A Arte E A Sociedade*, Ed. Editorial Presença, Porto 1984.
- HEIDEGGER, Martin: *A Origem Da Obra De Arte*, Ed. Edições 70, Lisboa 1999.
- HEGEL, G.W: *Estética*, Ed. Guimarães Editores, Lisboa 1993.
- HERNANDES, Manuel Martin: *La Tipologia en Arquitectura - Tese de Doutoramento*, Ed do Autor, Universidad Politécnica de las Palmas, Las Palmas 1984.
- KANT, Imanuel: *Crítica da razão Pura*, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1989.
- LÉVI STRAUSS, Claude: *Mito e Significado*, Ed. Edições 70, Lisboa 1996.
- Tristes Trópicos*, Ed. Edições 70, Lisboa 1995.
- LYOTARD, Jean-François: *O Inumano*, Considerações sobre o tempo, Ed. Estampa, Lisboa 1989.
- MARCEL, Gabriel: *Le mystère de l'être*, Ed. Montaigne, Paris 1951.
- MELO, Romeu: *Ensaio Sobre a Cultura*, Ed. Moraes, Lisboa 1977.
- NIETZSCHE, Friederich: *A Origem Da Tragédia*, Ed. Guimarães Editores, Lisboa 1988.
- NORBERG-SCHULZ, Christian: *Intenciones en Arquitectura*, Ed. G.Gili, Barcelona 1998.

---

e abraçando todos de modo inclusivo, [que evolui e se lança para o futuro, continuamente, 'arrastando' assim a cultura que a acompanha, obrigando a que esta *se adapte às novas condições* (Jean-François Lyotard, *O Inumano - Considerações sobre o tempo*, p.71) impostas pelo Homem]

<sup>30</sup> Como resposta *do que vem à superfície* (*Dicionário de Língua Portuguesa*, p.595), das necessidades mais inesperadas e circunstanciais do homem, estará sempre relacionado com o resolver os seus problemas hoje. Um constante hoje que se repete indefinidamente (mas que ao mesmo tempo, vem designar o presente absoluto no espaço; um presente contínuo e efémero, que só se dá na medida de quem o lê, e (...) o sente), sem o cuidado e preocupação com as consequências que poderão advir deste mesmo acto (Jean-François Lyotard, *op.cit.*, pp.65-67).

- Existência, Espaço e Arquitectura*, Ed. Blume, Barcelona 1975.
- ORTEGA Y GASSET, José: *A Rebelião das Massas*, Ed. Relógio d'Água, Lisboa 1989.
- PINHEIRO, Sara Patrícia: *Metamorfose do Espaço Público*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Ed. Autor, Porto 2009.
- POMIAN, K.: "Tempo/temporalidade", in, *Enciclopédia Einaudi*, vol.9, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Porto 1986.
- PORPHYRIOS, Demetri: "A Pertinência da Arquitectura Clássica", in, AA.VV.: *Uma nova Agenda para a Arquitectura*, Coord. Kate Nesbitt, Ed Cosacnaify, São Paulo 2008.
- PRATA, Francisco Pina: *Dialéctica da Razão Vital* – Intuição originária de José Ortega y Gasset, Ed. Moraes, Lisboa 1962.
- RUBIO, Miguel: "O Contexto da Modernidade e da Pós-Modernidade", in, AA.VV., *Ética Teológica*, Coord. Marciano Vidal, Ed. Vozes, Petrópolis 1999.
- SARTRE, Jean-Paul: *Verdad y Existencia*, Ed. Paidós, Barcelona 1996.
- SANTOS, Jaadiel Rocha dos Santos: *Espaço e Tempo – Metafísica e Teologia Natural na "Correspondência com Clarke"* - Tese de Mestrado em Filosofia, in [http://fflch.usp.br/posgraduacao/2005\\_mes/diss\\_05\\_mes\\_rocha.pdf](http://fflch.usp.br/posgraduacao/2005_mes/diss_05_mes_rocha.pdf) (consultado a Julho de 2010).
- TÁVORA, Fernando: *Da Organização do espaço*, Ed. Publicações Faup, Porto 2004.

**Sara Patrícia Pinheiro**

Mestre em Arquitectura e estagiária de investigação do CITAD, na área de Teoria, História e Pensamento Interdisciplinar Contemporâneo

**Henrique Jorge Fabião**

Doutor em Arquitectura e investigador do CITAD, na área de Teoria, História e Pensamento Interdisciplinar Contemporâneo.